



Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



Nasce um presidente

► Fernando Haddad transmite uma impressão de serenidade e de traquejo, inclusive diante da mídia. E de total lealdade a Lula

Embora haja muitas certezas, sustentadas não só pelas pesquisas eleitorais, mas também por razões políticas, Fernando Haddad tornou-se candidato do Partido dos Trabalhadores e ultrapassará, mais cedo do que se pensa, o percentual de intenção de votos dado a Jair Bolsonaro, o mais direto dos adversários dele.

Há, de fato, possibilidade de riscos, não muito longe da premonição anunciada pelas cartas do baralho ou pela leitura de mãos. Estão excetuados, nestas afirmações, os casos de hecatombes. Ou mesmo de facadas crueis, condenáveis e inesperadas.

A coragem do ex-presidente Lula, somada à paciência, sutileza, e garra de Haddad, permite dizer que nasceu um novo presidente. Com

perfil diferente, porém fiel às circunstâncias do projeto de esquerda-centro montado por Lula desde o primeiro governo.

O ex-presidente não elegeu um poste como provocam adversários atropelados pelas circunstâncias. Desponta, sim, um novo presidente. De esquerda.

Haddad tropeçou nos primeiros dias. Principalmente quando enfrentou a malandragem da mídia. Ou seja, quando ainda não tinha certeza do resultado costurado no Judiciário. Tranquilo, portou-se como um vice-presidente na chapa petista. Com toda a lealdade. O provável futuro presidente, é a minha esperança, não haverá de ser um conciliador sem adaptação às mudanças políticas do tempo. Creio que, talvez, leitor de Raymundo Faoro, saiba das consequências de se entregar a conciliação. Dentro dela há conflitos perigosos.

Silva Jardim, um dos mais importantes políticos durante a luta republicana, sofreu com isso. Bateu de frente com Quintino Bocaiúva, que armava uma saída conciliatória do Segundo Reinado para a República. Bobeou e perdeu. Jardim já alertava para isso. Advertiu: “Você não criará a República, e sim o Terceiro Reinado”. Perdeu também. Iludido, partiu de navio para a Itália e, dizem, atirou-se no Vesúvio.

Haddad enfrentou com muita paciência as entrevistas, em que, em alguma delas, sofria agressões e também, em certos casos, pressões naturais impostas pelos repórteres.

Afirmou, com a serenidade de um chefe de Estado, que os militares estão subordinados ao presidente. Haddad mandará. E as reações da mídia? Não fugiu da pergunta.

“Sou a favor de que não haja excesso de concentração de propriedade. Sobretudo propriedade cruzada”, considerou, com tranquilidade.

Ele terminou a explicação com um bico na canela: “A legislação proíbe caciques regionais, que mandam em tudo”.

Os caciques, no caso, são também conhecidos como barões da mídia. •

“Eu não sou mais uma pessoa, sou uma ideia”

(Sentimento repetido por Lula, na prisão)



Silva Jardim já sabia dos riscos da conciliação



Andante Mossو



Ela denuncia o horror

Impedível Conceição

Já está pronta para circular, sair do forno, em 2019, a cinebiografia da economista Maria da Conceição Tavares, 88 anos, dirigida pelo talentoso documentarista José Mariani.

Conceição, portuguesa naturalizada brasileira, dispensa comentários. Ela cria comentários. Ácidos de preferência. Mariani, também por isso, acertou no título: *Livre Pensar*. Dois exemplos saídos do livre-pensamento.

Eis um: “Uma economia que diz que precisa estabilizar, para depois crescer, para depois distribuir, é uma falácia, é uma economia que condena os povos a uma brutal desigualdade de concentração de renda e de riqueza. Isso é coisa de tecnocrata alucinado, que acha que está tudo ok, e não está tudo ok”.

E outro: “Não tem nada a ver um sujeito ter sido esquerdista na juventude e virar direitista, uma coisa horrível, uma desgraça, um horror”.

Há um enxame deles no Brasil. Que enfiem a cabeça na carapuça.

Os caminhos de Mourão

Exatamente em setembro de 2017 o general Hamilton Mourão, ainda fardado, falou como quis em uma Loja Maçônica em Brasília, de forma ameaçadora para um grupo de pascácios que o aplaudia.

Ele atropelou, por diversas vezes, a democracia e se disse disposto a “botar a casa em ordem”. Perguntado diretamente sobre a intervenção militar no processo democrático, explicou que, caso fosse preciso, seria feito na forma de “aproximações sucessivas”. Orientou: “Não existe forma de bolo”.

Grande repercussão. Aparentemente, viu-se forçado a ir para a reserva. O general Eduardo Villas Bôas, comandante do Exército, parecia sofrer constrangimento. Engano, pois logo, logoreceu a visita de Jair Bolsonaro. O encontro foi registrado pela fotografia.

Mourão, ainda com cheiro de verde, assumiu a presidência do histórico Clube Militar. Hoje é um discutido vice-presidente na chapa do ameaçador Jair Bolsonaro.

No brasão do Clube Militar, instituição privada, há



uma menção de louvor à democracia. A história comprova, porém, que este nunca foi um obstáculo para ser desprezado por certos militares.

Lembrai-vos

A voz do senador Alvaro Dias, candidato à Presidência da República, assemelha-se à voz e às inflexões do radialista Alzirô Zarur, fundador da Legião da Boa Vontade, nos anos de 1950.

As mensagens de Zarur, alastradas País afora, puxariam o Partido da Boa Vontade, que ele criou e pelo qual disputaria a Presidência em 1965. A eleição foi vetada e os partidos cassados pela ditadura.

Tal pai, tal filho

A competição para a Câmara de Deputados, no Rio de Janeiro, tem marcas profundas dos sucessores dos pais apinhados na Lava Jato.

Sérgio Cabral, ex-governador, tem o filho Marco Antonio na segunda eleição, assim como o deputado Leonardo Picciani, filho do poderoso Jorge Picciani, senhor da Assembleia Legislativa e do ex-PMDB.

Daniela Cunha, filha do astuto Eduardo, preso em Curitiba, vai testar o poder da herança eleitoral deixada pelo pai, além dos rastros existentes.

E, finalmente, Marcelo Crivella, filho do atual prefeito carioca.

Há quem aposte no número de votos que o pai espera obter.

Daqui não saio

Quantos votos o PT pode transferir para Haddad? No ano passado, o PT recuperou uma rasa confiança: 12%.

Na pesquisa mais recente do Datafolha, chegou a 24%. Os adversários mais influentes, PSDB e MDB, ficaram com 4%.